



RACISMO ACADÊMICO E FORMAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA AMÉRICA: W.E.B. DU BOIS E A INTERSECCIONALIDADE ENTRE CIÊNCIA E POLÍTICA

Valter Roberto Silvério¹

Hasani Elioterio dos Santos²

Fernando Oliveira da Costa³

Resumo: O artigo tem como principal objetivo introduzir o pensamento sociológico de W.E.B. Du Bois em sua intersecção entre elaboração científica e atividade política delineando de forma não exaustiva sua contribuição à história da constituição das ciências sociais. Ao fazê-lo ele apresenta o autor a um público de língua portuguesa, em especial o brasileiro, o qual tem sido privado da potente reflexão e influência teórica de um dos autores mais lidos na atualidade, em especial, por sua exclusão intencional do chamado cânone da sociologia. Uma das teses em torno de sua exclusão é que a contribuição da obra de Du Bois representaria de fato uma alternativa histórica que foi parcialmente “desconsiderada” por seu pertencimento racial. Os momentos sobre os quais o texto transita compreendem a sua conceituação de “raça” como uma construção social no início do século XX, sua leitura das consequências do domínio do Ocidente sobre o continente Asiático e Africano e a reconfiguração do mundo social após a Segunda Guerra. Concluímos que o pensamento de Du Bois está presente em todos esses contextos históricos apontando para os limites da sociologia, propondo avanços e inovações. Seu pensamento está diretamente relacionado a elaboração de uma interpretação da experiência africana e negra em uma perspectiva transnacional e diaspórica que teve início com sua participação decisiva na proposição dos congressos pan-africanos.

Palavras-chave: W.E.B. Du Bois; Sociologia; Ciências Sociais; Transnacionalismo; Pan-africanismo; Cultura; Diáspora.

¹ Professor Titular do Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pesquisador CNPq. Vice-presidente do International Scientific Committee for Volume IX, X and XI of the General History of Africa - GHA - UNESCO.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, membro atuante do grupo de pesquisa Estudos da Diáspora e do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB – UFSCar).

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos e membro do grupo de pesquisa Estudos da Diáspora.

ACADEMIC RACISM AND FORMATION OF SOCIAL SCIENCES IN AMERICA: W.E.B. DU BOIS AND THE INTERSECTIONALITY BETWEEN SCIENCE AND POLITICS

Abstract: The main objective of the article is to introduce the sociological thinking of W.E.B. Du Bois at the intersection between scientific elaboration and political activity, delineating his contribution to the history of the constitution of social sciences in a non-exhaustive way. In doing so it introduces the author to a Portuguese-speaking audience, especially the Brazilian, who has been deprived of the potent reflection and theoretical influence of one of the most widely read authors today, in particular, for his intentional exclusion from the so-called canon of sociology. One of the thesis around its exclusion is that the contribution of Du Bois' work would in fact represent a historical alternative that was partially “disregarded” for its racial belonging. The moments the text covers understand Du Bois concept of “race” as a social construction in the beginning of the 20th century, his reading of the consequences of the dominance of the West over the Asian and African continent and the reconfiguration of the social world after the Second War. We conclude that Du Bois' thinking is present in all these historical contexts, pointing to the limits of sociology, proposing advancement and innovations. His thinking is directly related to the elaboration of an interpretation of the African and black experience in a transnational and diasporic perspective that began with his decisive participation in the proposition of the Pan-African congresses.

Key-words: W.E.B. Du Bois; Sociology; Social Science; Transnationalism, Panafricanism; Culture; Diaspora.

RACISMO ACADÉMICO Y FORMACIÓN DE CIENCIAS SOCIALES EN AMÉRICA: W.E.B. DU BOIS Y LA INTERSECCIONALIDAD ENTRE CIENCIA Y POLÍTICA

Resumen: El objetivo principal del artículo es presentar al pensamiento sociológico de W.E.B. Du Bois en su intersección entre la elaboración científica y la actividad política, delineando su contribución a la historia de la constitución de las ciencias sociales de una manera no exhaustiva. Al hacerlo, presenta al autor a una audiencia de habla portuguesa, especialmente al brasileño, que se ha visto privado de la potente reflexión e influencia teórica de uno de los autores más leídos en la actualidad, en particular, por su exclusión intencional del llamado canon de sociología. Una de las tesis en torno a su exclusión es que la contribución del trabajo de Du Bois representaría de hecho una alternativa histórica que fue parcialmente “ignorada” por su pertenencia racial. Los momentos en los que pasa el texto comprenden su concepto de “raza” como una construcción social a principios del siglo XX, su lectura de las consecuencias del dominio de Occidente sobre el continente asiático y africano y la reconfiguración del mundo social después de la Segunda Guerra. . Concluimos que el pensamiento de Du Bois está presente en todos estos contextos históricos, señalando los límites de la sociología, proponiendo avances e innovaciones. Su pensamiento está directamente relacionado con la elaboración de una interpretación de la experiencia africana y negra en una perspectiva transnacional y diaspórica que comenzó con su participación decisiva en la propuesta de los congresos panafricanos.

Palabras clave: W.E.B. Du Bois; Sociología; Ciencias Sociales; Transnacionalismo; Panafricanismo; Cultura; Diáspora.

RACISME ACADÉMIQUE ET FORMATION DES SCIENCES SOCIALES EN AMÉRIQUE: W.E.B. DU BOIS ET L'INTERSECTIONNALITÉ ENTRE SCIENCE ET POLITIQUE

Abstrait: L'objectif principal de l'article est de présenter la pensée sociologique de W.E.B. Du Bois à son intersection entre l'élaboration scientifique et l'activité politique, délimitant de manière non exhaustive sa contribution à l'histoire de la constitution des sciences sociales. Ce faisant, il présente l'auteur à un public lusophone, en particulier le Brésilien, qui a été privé de la réflexion puissante et de l'influence théorique de l'un des auteurs les plus lus aujourd'hui, en particulier, pour son exclusion intentionnelle du soi-disant canon de sociologie. L'une des thèses autour de son exclusion est que l'apport du travail de Du Bois représenterait en fait une alternative historique partiellement «ignorée» pour son appartenance raciale. Les moments de passage du texte comprennent sa conception de la «race» comme construction sociale au début du XXe siècle, sa lecture des conséquences de la domination de l'Occident sur le continent asiatique et africain et la reconfiguration du monde social après la Seconde Guerre mondiale. . Nous concluons que la pensée de Du Bois est présente dans tous ces contextes historiques, pointant les limites de la sociologie, proposant des avancées et des innovations. Sa réflexion est directement liée à l'élaboration d'une interprétation de l'expérience africaine et noire dans une perspective transnationale et diasporique qui a commencé par sa participation décisive à la proposition des congrès panafricains.

Mots clés: W.E.B. Du Bois; Sociologie; Sciences sociales; Transnationalisme; Panafricanisme; Culture; Diaspora.

Aprender, fazer pesquisa, ensinar e lutar pela aplicação do conhecimento científico: é isso que caracteriza as muitas décadas de seu trabalho. Cheio de admiração e profundo respeito, estimado professor Du Bois, reconhecemos a síntese única do conhecimento científico e da ação politicamente dirigida que distingue toda a sua vida. O conselho de minha faculdade decidiu, portanto, unanimemente, em vista de suas grandes realizações acadêmicas, bem como de sua contribuição única para a luta pela emancipação dos negros dentro e fora dos Estados Unidos, e por seu corajoso compromisso com a preservação da paz, conceder-lhe o grau de Doutor em Economia, honoris causa (APPIAH 2014, p.3)⁴.

⁴ Learning, doing research, teaching, and fighting for the application of scientific knowledge: this is what characterizes the many decades of your work. Full of admiration and profound respect, esteemed Professor Du Bois, we recognize the unique synthesis of scientific knowledge and politically- directed action, which distinguishes your entire life. The council of my faculty has therefore unanimously decided, in view of your great scholarly achievements, as well as of your unique contribution to the struggle for the emancipation of Negroes within and outside of the United States, and for your courageous commitment to the preservation of peace, to bestow upon you the degree of Doctor of Economics, honoris causa. (Appiah 2014, p.3). Todas as traduções existentes no texto são de responsabilidade dos autores.

O texto acima é parte da homenagem recebida por W.E.B. Du Bois, em 03 de novembro de 1958, quando a convite retorna a sua *alma mater* (mãe que nutre) em Berlim, aproximadamente 66 anos após a sua estada, entre 1892-1894, na antiga Universidade de Berlim no prédio Unter den Linden 6⁵, seu edifício principal, originalmente construído entre 1748 e 1766 como um palácio que foi concedido à universidade em 1809-10. Em sua minuciosa descrição do local e do evento, Appiah (2014) ressaltou que no interior do prédio, onde Du Bois foi homenageado, existia uma citação em dourado de um outro ex-aluno famoso: “Filósofos anteriormente apenas interpretaram o mundo de várias maneiras; a questão é mudá-lo” (Karl Marx, *apud* Appiah, 2010, p.2)⁶.

De acordo com o Professor Heinz Mohrmann, o decano da Faculdade de Economia e Política, Du Bois era um exemplo único (*unique role model*) de acadêmico e intelectual, isto é, ele representaria plenamente a formação desejada pela principal Universidade europeia do século XIX.

A história do reconhecimento da obra de Du Bois, desde então, tem colaborado para desvendar outro e enigmático percurso do desenvolvimento das ciências sociais, em especial a sociologia, na América. Ao se trabalhar com a obra de Du Bois surge de imediato a seguinte questão: como foi possível excluir a obra e o autor do chamado cânone da sociologia?

A resposta de Aldon D. Morris⁷ no livro intitulado “The scholar denied: W. E. B. Du Bois and the birth of modern sociology” é a seguinte:

Minha jornada aqui nas últimas décadas é explorar, através de documentos primários, o papel da escola de Du Bois na fundação da sociologia como uma disciplina intelectual, buscando trazer à tona uma faceta ainda inexplorada da história intelectual e social americana. Mostro que essas escolas intelectuais não são meramente produtos de redes intelectuais e ideias originais e meritórias, mas estão profundamente enredadas em poder, ideologias dominantes e economia. Neste

⁵ Desde de 1949, a originalmente denominada Universidade de Berlim, recebeu seu nome o nome de seu fundador, Wilhelm von Humboldt, e de seu irmão o naturalista, e ex-aluno da instituição, Alexander von Humboldt.

⁶“Philosophers have previously only interpreted the world in various ways; the point is to change it”.

⁷ Aldon Morris é atualmente Leon Forrest Professorship of Sociology and African American Studies at Northwestern University, Evanston, Illinois” e presidente eleito da American Sociological Association (ASA) a partir de 2021. Como tema de sua gestão escolheu o seguinte: “Emancipatory Sociology: Rising to the Du Boisian Challenge”. <https://www.asanet.org/annual-meeting-2021/theme>



trabalho, expus o racismo e o poder dos brancos dominantes responsáveis por suprimir um corpo seminal de pensamento científico social. Minha pesquisa mostra também que, mesmo diante de tal discriminação, o trabalho intelectual pode, sob certas condições, ter grande influência por meio de canais secundários e pode florescer mesmo um século depois, quando a discriminação diminui. (Morris, 2015, p. XVII)⁸.

Ao trabalharmos com a contribuição de Du Bois, e de sua Escola denominada de “Escola de Atlanta”, e alguns dos seus leitores contemporâneos, é possível delinear mesmo que de forma não exaustiva sua contribuição à história e ao pensamento social, apresentando ao público brasileiro, as conjunturas e contextos nos quais eventos históricos tiveram lugar. Isso possibilita identificar como a opção consciente por um *corpus* de pensamento científico implicava na demonstração explícita da racialização da comunidade científica e, como consequência, na imposição política de uma agenda de pesquisa que atenderia mais aos interesses econômicos e políticos das elites brancas em detrimento do bem público para todos.

Desta forma, a história da exclusão do corpus teórico e científico de Du Bois, e da Escola de Atlanta, desvenda como as ideologias econômicas e políticas que se desenvolveram no Ocidente, bem como suas contraposições genericamente intituladas de esquerda, não ficaram isentas da prática de racismo na disseminação e/ou tentativa de apagamento de perspectivas intelectuais e acadêmicas de negros e negras. Demonstramos a seguir especificamente o caso de Du Bois e sua recente (re) apropriação, como guia de reflexão teórica contemporânea e reconhecimento da originalidade da atualidade de sua obra.

A DISPUTA OCIDENTAL EM TORNO DO CONTROLE COLONIAL E “RAÇA” COMO CATEGORIA EXPLICATIVA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

⁸ “My journey here over the last decades is one of exploring, through primary documents, the role of Du Bois’s school in founding sociology as an intellectual discipline, seeking to bring to the fore an as yet unexplored facet of American intellectual and social history. I show that such intellectual schools are not merely the products of intellectual networks and original, meritorious ideas but are deeply entangled with power, ruling ideologies, and economics. In this work, I lay bare the racism and power of dominant whites responsible for suppressing a seminal body of social scientific thought. My research shows also that even in the face of such discrimination intellectual work may, under certain conditions, have great influence through back channels and may actually flourish even a century later when discrimination eases.” (Morris, 2015, p. XVII).



Em termos temporais tomamos 1958, a homenagem recebida na Alemanha, como o ano que estabeleceu o ponto de virada pelo reconhecimento de sua contribuição científica e política, tanto em relação à sua reflexão que resultou em uma síntese única para o pensamento social quanto de sua agência política na construção da *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP). No primeiro caso, os desdobramentos culminaram, por exemplo, na publicação das biografias premiadas de David Levering Lewis⁹ e em um crescente número de publicações e estudos sobre Du Bois e sua obra. No segundo caso, o papel de nosso autor à frente da NAACP, fundada em 1909, na qual ele foi diretor de pesquisa e publicidade, hoje é amplamente identificado com as origens do Civil Rights Movement¹⁰.

Nossa periodização, portanto, para o primeiro período, entre 1895 - ano que Du Bois recebeu seu PhD em Harvard tornando-se o primeiro africano americano a ter um título pela instituição - e 1919 - final da primeira Guerra e a realização do First Pan-African Congress em Paris, que tinha como pauta uma tentativa de solução para o problema colonial no continente africano¹¹. Compreende, portanto, do ponto de vista da organização negro/africana, a realização da primeira Conferência Pan-Africana em Londres em 1900, organizada por Henri Sylvester Williams, na qual Du Bois foi o secretário executivo - e o encontro entre Du Bois e Boas na Universidade de Atlanta, em 1906, local em que o mesmo proferiu uma aula inaugural intitulada *The Outlook for the American Negro*¹². De acordo com

⁹ W. E. B. Du Bois, 1868-1919: Biography of a Race. Henry Holt and Company, 1994 e W. E. B. Du Bois, 1919-1963: The Fight for Equality and the American Century. Henry Holt and Company, 2001.

¹⁰ <https://www.virginiahistory.org/collections-and-resources/virginia-history-explorer/civil-rights-movement-virginia/w-e-b-du-bois-and>). Richardson, Christopher M. and Luker, Ralph. E. Historical Dictionary of the Civil Rights Movement. New York: Rowman & Littlefield Publishing, Second edition, 2014.

¹¹ Para uma compreensão do período veja o Treaty of Peace with Germany (Treaty of Versailles). <https://www.loc.gov/law/help/us-treaties/bevans/m-ust000002-0043.pdf>

¹² Essa aula é considerada por Julia Liss (1998) como um trabalho transicional de Boas, no sentido de propor uma reconfiguração de sentidos atribuída a categoria raça na transição do século XIX para o XX; também por sinalizar o momento em que os trabalhos tanto de Boas como de Du Bois convergiram e se associaram no argumento de que a releitura frutífera da categoria “raça” implicaria em uma ênfase analítica no contato cultural, na variação e na diferença comportamental ao invés do argumento de pureza racial e do paradigma interpretativo de inferioridade/superioridade. Esta aula tem significativa importância, pois um de seus principais argumentos é a contribuição das práticas culturais do continente africano para o mundo, tendo em vista as antigas civilizações africanas e seu desenvolvimento tecnológico como, por exemplo, a fabricação do ferro para



Julia Liss (1998), a relação entre Du Bois e Boas, a partir do encontro em Atlanta seguiu até a morte do último em 1942. Ambos, por exemplo, tiveram uma importante participação no First Universal Races Congress, realizado na Universidade de Londres entre 26 e 29 de julho de 1911, no qual o médico brasileiro João Batista de Lacerda¹³ estivera presente apresentando sua comunicação na seção denominada de *The Modern Conscience in Relation to Racial Questions (The Negro and The American Indian)* em que Du Bois também apresentou a comunicação intitulada *The Negro Race in The United State of America*. Por fim, em 1919 ocorreu o First Pan-African Congress, entre 19 e 22 de fevereiro, em Paris como acima mencionado.

A produção acadêmico científica de Du Bois, no período, correspondeu à publicação dos seguintes textos: *The Suppression of the African Slave-Trade to the United States of America, 1638–1870* (1896); *The Conservation of Races* (1897); *The Philadelphia Negro* (1899); *The Souls of Black Folk* (1903)¹⁴; *Sociology Hesitant* (1905); e *Die Negerfrage in den Vereinigten Staaten* (1906). Cabe, também, destaque aos trabalhos coordenados e/ou realizados por ele como responsável do *Atlanta Sociological Laboratory* até 1911 que são os seguintes: *The Negro Artisan* (1902); *The Negro Church* (1903); *Some Notes on Negro Crime Particularly in Georgia* (1904); *The Health and Physique of the Negro American* (1906); *The Negro American Family* (1908); *The College-Bred Negro* (1910); *The Common School and the Negro American* (1911).

Um dado importante do período é que de acordo com Appiah e Gates Jr (2003), no prefácio da sua *Africana Concise Desk Reference*¹⁵, a primeira tentativa de elaborar, no contexto da época, uma Enciclopédia Africana coube a Du Bois. Em carta endereçada a

produção de ferramentas manuais que caracterizam a inventividade e o alto grau de sofisticação técnica que contraria toda uma ciência racista, produzida na época, que respaldava a inferioridade do negro em relação ao branco.

¹³ Para uma análise crítica importante e interessante da comunicação apresentada por Batista de Lacerda veja o texto de Schwarcz (2011), **Previsões são sempre traiçoeiras: João Batista de Lacerda e seu Brasil branco**.

¹⁴ Existe uma tradução para o português brasileiro intitulada “As Almas da Gente Negra”, publicada em 1999 por Lacerda Editores do Rio de Janeiro. A tradução é da Profa. Dra. Heloísa Toller Gomes.

¹⁵ APPIAH, K.A & GATES JR, H.L (editors). *Africana: The Encyclopedia of the African and African American Experience (The Concise Desk Reference)*. Philadelphia and London: Running Press, 2003



Edward Wilmot Blyden¹⁶, em 1909 que, tudo indica não obteve resposta, sonhava nosso autor com a edição de um compêndio do conhecimento "científico" sobre a história, culturas e instituições sociais de pessoas de ascendência africana, isto é, daqueles que foram construídos como negros no Velho e no Novo Mundo. O curioso é que invariavelmente o “negro” emergia como problema nas formações sociais que deram origem aos Estados nacionais da América de norte a sul. Para um autor como Du Bois, por exemplo, uma solução possível seria ampliar o conhecimento de todos, mas em especial dos jovens negros sobre a contribuição das culturas africanas para a formação do novo mundo (SILVÉRIO, 2018).

Em linhas gerais no primeiro período brevemente analisado uma chave de leitura que permite associar todos os conflitos é, precisamente, a disputa em torno do controle territorial das colônias, em especial no continente africano, pelo novo imperialismo Europeu que resultou na Primeira Guerra.

As tentativas de construir um novo tipo de relação entre as “raças” se mostraram insuficientes para ordenar o mundo que nasceu da competição imperial. Ao final da guerra uma nação emergia com a proposição de um novo tipo de arranjo para mediação dos conflitos advindos das disputas entre os poderes coloniais, velhos e novos: os Estados Unidos da América ao propor a Ligue of Nations (Liga das Nações) a organização internacional criada em abril de 1919, como resultado da Conferência da Paz de Paris que adotou seu pacto fundador. No entanto, a proposta não contemplava uma questão central para os povos africanos e seus descendentes: o fim do colonialismo.

O que marca a passagem do primeiro para o segundo período é que tanto Boas quanto Du Bois procuraram ancorar na história, e não na biologia, qualquer diferença comportamental entre grupos humanos, ambos se afastam de qualquer tipo de determinação biológica. Como analisado por Liss (1998), Du Bois e Boas, situaram a “raça” enquanto clivagem na contingência da consciência modernista – particularmente o múltiplo, muitas vezes fragmentado, e inconstante senso de identidade - em sua relação com a formação histórica da modernidade e sua crescente interconexão com a sociedade global, como

¹⁶ Edward Wilmot Blyden, amplamente conhecido como o pai do pan-africanismo, nasceu em 03 de agosto de 1832 em Saint Thomas , no que hoje são as Ilhas Virgens Americanas. Seus pais livres e letrados eram descendentes povo Igbo. Em 1851, ele migrou para a Libéria, que se tinha se tornado uma República independente apenas quatro anos antes.



resultante das economias de capital, o incremento dos nacionalismos e das migrações em massa de povos. Ao relacionarem a consciência modernista com a modernidade dessa maneira, eles desafiaram tanto os limites estreitos (provinciais) quanto as formas de identidade fixas e redutoras (essencialistas). Ainda, para a autora, Du Bois foi o pioneiro na perspectiva de elaborar, sociológica e politicamente, as situações de contato entre “raças” e culturas em contraposição ao racionalismo do século XIX e das primeiras décadas do século XX. O que coloca o problema de se pensar o Novo Mundo considerando o conflito inter-racial como constitutivo de suas sociedades quando comparado às sociedades europeias onde foram construídos os modelos de análise daltônicos.

O que desloca o eixo analítico da ideia de aculturação-assimilação-integração (homogeneidade racial/cultural como meta) para o eixo das estratégias inter-raciais e/ou interculturais dos grupos construídos racialmente em relações de poder assimétricas.

Paradoxalmente, os EUA como país considerado a principal democracia do mundo no período era, também, o palco onde se desenrolava, de forma mais aguda, os conflitos “raciais” oriundos da racialização científica e política das diferenças fenotípicas.

Foi nesse contexto que *The Crisis Magazine*, o jornal oficial da NAACP, publicou sua primeira edição em 1910, sob o comando editorial da W.E.B. Du Bois que na sua edição de julho de 1919 trazia um suplemento sobre linchamentos, “The Waco Horror”¹⁷, com oito páginas que lembrava o caso de Jesse Washington, investigado pela sufragista branca Elizabeth Freeman¹⁸.

¹⁷ The lynching of Jesse Washington, a 17 years old African American young man from Waco, Texas, was one of the most heinous acts of government sanctioned mob “justice” in American society. The barbarity of the act, the festive/jovial/ family-centered nature of the event, the sheer volume of participants, and the local government inaction around the incident shocked many people in the nation and spurred the NAACP to take immediate action around Anti-Lynching Legislation. Jesse Washington was just one of thousands of stories but we will focus on primarily on his today and the context surrounding lynchings in the early 20th century.

¹⁸ Pfeifer (2004), por exemplo, associa o declínio do linchamento no início do século XX ao advento da pena de morte moderna: “os legisladores renovaram a pena de morte ... por preocupação direta com a alternativa da violência das multidões”. Ele também cita “os excessos modernos e racializados das forças policiais urbanas no século XX e depois” como tendo características de linchamento (Pfeifer, Michael J. (2004). *Rough Justice. Lynching and American Society, 1874–1947*. University of Illinois Press).



A CONSOLIDAÇÃO DAS INTERPRETAÇÕES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS SOBRE A EXPERIÊNCIA AFRICANA E NEGRA NO MUNDO

O segundo período – realização do First Pan-African Congress em 1919 até 1958, ano do reconhecimento da contribuição de Du Bois e a realização da *All African Peoples Conference em Accra* de 08 a 13 de dezembro do mesmo ano – foi marcado por perspectivas polares de interpretação das experiências africana e negra no mundo. Ele coincide, também, com o aumento da importância e consolidação das Ciências Sociais enquanto possibilidade de entendimento, interpretação, explicação e equacionamento das diferentes formas de conflitos que atravessam a experiência humana. Analisado sob as lentes do que Du Bois denominou de linha da cor (*color line*), sofreu grandes transformações no período se desdobrando de forma objetiva em perspectivas nacionais, internacionais e transnacionais de interpretação do problema da relação entre diferentes “raças”, que passou a ser interpretado como um problema da relação entre diferentes culturas vivendo em um mesmo território supostamente com os mesmos direitos, na perspectiva nacional hegemônica adotada pelas teorias sociais.

Trata-se, também, do período de consolidação das linhagens intelectuais hegemônicas na teoria social em geral, e da sociologia em especial, no continente americano no qual elas irão predominar. Por um lado, até o advento das lutas de libertação no continente africano e, por outro lado, com amplos reflexos nas manifestações de rebeldia da juventude americana, em especial os jovens negros universitários, que foram fundamentais para os desdobramentos políticos do movimento dos direitos civis nos EUA que culminou no fim do arcabouço jurídico segregacionista norte-americano nos anos de 1960¹⁹.

Morris (2015), por exemplo, em um capítulo intitulado “The Sociology of Black America: Park versus Du Bois”, demonstra que, “mesmo após a formulação cultural do antropólogo Franz Boas que argumentou que os resultados raciais eram determinados por fatores históricos e sociais”, Robert Park insistia que “até que isso seja verdade talvez

¹⁹ Para uma discussão alternativa e referências sobre a participação de estudantes universitários negros, africanos nas manifestações de 1968 veja Patricia Hill Collins. *Freedom Now! 1968 as a Turning Point for Black American Student Activism*, 2009, pp. 3-28. In: Gurminder K. Bhambra and Ipek Demir, organizaram a publicação do livro “1968 in retrospect: history, theory, alterity”, PALGRAVE MACMILLAN, 2009.



tenhamos a garantia de considerá-las [as características raciais negras] como modificações da tradição transmitida devido as características inatas das pessoas que as produziram”²⁰

A afirmação de Morris (2015) encontra-se fartamente documentada na literatura acerca da contribuição de Boas (Liss, 1998; Baker, 1998, 2010; Volpi, 2013), mas pode ser lida na própria introdução no Volume 1, do *Handbook of American Indian Languages*:

[...] os negros norte-americanos, um povo descendente em grande parte africano; na cultura e na língua, no entanto, essencialmente europeu. Embora seja verdade que certas sobrevivências da cultura e da língua africanas são encontradas entre os negros americanos, sua cultura é essencialmente a das classes sem instrução das pessoas entre as quais vivem, e sua língua é em geral idêntica à de seus vizinhos - inglês, francês, espanhol e português, de acordo com o idioma predominante em várias partes do continente. Pode-se objetar que o transporte da raça africana para a América foi artificial e que, em épocas anteriores, não ocorreram migrações e transplantes prolongados desse tipo²¹ (BOAS, 1911, p. 8).

Baker (2010) observa o mesmo tipo de argumento quando, em 1925, Melville Herskovits desenvolveu sua análise etnológica sobre o Harlem²² e concluiu que “era uma

²⁰ Aldon Morris, *The scholar denied: W. E. B. Du Bois and the birth of modern sociology*, 2015, p.119. Robert Park 1918; 1950. “Education in Its Relation to the Conflict and Fusion of Cultures.” In Park 1950c, 261–83.).

²¹ “...the North American negroes, a people by descent largely African; in culture and language, however, essentially European. While it is true that certain survivals of African culture and language are found among our American negroes, their culture is essentially that of the uneducated classes of the people among whom they live, and their language is on the whole identical with that of their neighbors - English, French, Spanish, and Portuguese, according to the prevalent language in various parts of the continent. It might be objected that the transportation of the African race to America was an artificial one, and that in earlier times extended migrations and transplantations of this kind have not taken place.”. BUREAU OF AMERICAN ETHNOLOGY, p. 8. Boas, Franz. 1911. Introduction. *Handbook of American Indian Languages*, Vol. 1, p. 1-83. Bureau of American Ethnology, Bulletin 40. Washington: Government Print Office (Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology). http://biblio.wdfiles.com/local--files/boas-1911-introduction/boas_1911_introduction.pdf.

²² Manhatan district used figuratively for “African American Culture” by 1925. The New York community was founded 1658 and originally named Nieuw Haarlem in Netherlands, which probably is from Dutch *haar* “height” + *lem* “silt”, in reference to its position on slight elevation on the banks of the Spaarne River. The black population grew rapidly in the decade after World War I. It has historically been the home of African-Americans and peoples of African descent. Harlem is best known for the jazz, poetry, and art that came out of the Harlem Renaissance. Important figures of Harlem include: Langston Hughes, W.E.B DuBois, Ella Fitzgerald. “O distrito de Manhattan usou figurativamente para a “Cultura afro-americana” em 1925. A comunidade de Nova York foi fundada em 1658 e originalmente chamada Nieuw Haarlem, na Holanda, que provavelmente é de Dutch *haar* “height” + *lem* “silt”, em referência à sua posição elevada nas margens do Rio Spaarne. A população negra cresceu rapidamente na década após a Primeira Guerra Mundial. Historicamente foi o lar de povos descendentes de africanos. Harlem é mais conhecido pelo jazz, poesia e arte que foram produzidas no período do movimento conhecido na literatura como Harlem Renaissance. E, também, pela presença e



comunidade como qualquer outra comunidade americana. O mesmo padrão, apenas um tom diferente!” (BAKER, 2010, p.25). Baker (2010), no entanto, está interessado em analisar o padrão argumentativo em torno da “raça” e suas mudanças ao longo dos processos históricos, em relação à primeira metade do século XX. Disto é possível extrair o seguinte:

1. Boas e Herskovits tentavam argumentar que os negros não eram diferentes dos brancos e, portanto, não deveriam ser sujeitos à discriminação. Boas apoiou pessoas como Woodson, que usaram a ciência da antropologia para autenticar a herança africana e capacitar os negros a apreciarem sua herança. Boas, no entanto, era "absolutamente contrário a todos os tipos de tentativas de promover a solidariedade racial";
2. Ele favoreceu a assimilação cultural como uma estratégia eficaz para melhorar o problema dos negros (BAKER, 2010, p.24; BOAS, 1905, p. 87)²³. Boas foi além de apoiar uma estratégia de assimilação para defender a miscigenação fenotípica, explicando que “o problema dos negros não desaparecerá na América até que o sangue dos negros tenha sido tão diluído que não será mais reconhecido, assim como o anti-semitismo não desaparecerá até que o vestígio do judeu como judeu desapareceu” (BOAS, 1921, p. 395)²⁴;
3. Mas a pergunta permaneceu: o negro tinha cultura? E se tinha, valeria a pena salvar, proteger ou cultivar? A resposta para a pergunta não foi empírica, mas política. Quer se trate do debate Herskovits / Frazier ou a divisão Boas / Park, dois discursos diferentes animaram políticas raciais da cultura concorrentes e ambos estão entrelaçados na genealogia e na história da raça na América. Um centrou-se no valor do patrimônio cultural, o outro na elevação racial (BAKER, 2010, p.24).

No entanto, a especificidade da cultura afro-americana já estava ricamente detalhada por Du Bois desde 1903 com a publicação do *The Soul of Black Folk*. A importância desse texto foi reconhecida inclusive por Max Weber. A deferência de Weber, como apresentada em um excerto da carta abaixo, de 08 de novembro de 1904, escrita após congresso de St. Louis na qual convida Du Bois para escrever um artigo sobre casta para o *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*:

Até agora”, escreveu ele (Weber), “falhei em encontrar na literatura americana (e claro em qualquer outra) [sic] uma investigação sobre as relações entre o (assim

participação de figuras importantes que incluem: Langston Hughes, W.E.B Du Bois, Ella Fitzgerald. etymonline.com/word/harlem, 27/04/2020.

²³ Franz Boas, 1905, “The Negro and the Demands of Modern Life: Ethnic and Anatomical Considerations.” *Charities: A Review of Local and General Philanthropy* 15(1):86–88.

²⁴ Franz Boas, 1921. “The Problem of the American Negro.” *Yale Quarterly Review* 10(2):384–95.



chamado 'problema-da-raça' e a (assim chamada) 'problema da classe' no seu país. . . Hoje temos na Alemanha, não apenas a literatura diletante . . . mas uma teoria racial "científica", construída também sobre fundamentos puramente antropológicos - e, portanto, temos que acentuar especialmente as conexões e a influência das condições socioeconômicas nas relações das raças entre si. Vi que você falou algumas semanas atrás sobre essa questão e eu ficaria muito feliz se você se encontrasse em posição de nos dar, para nosso periódico, um ensaio sobre esse objeto. Então, peço a você que me escreva, se estiver disposto a fazê-lo e em que momento? (Morris, 2015, p. 156)²⁵.

O ensaio foi escrito por Du Bois e publicado sobre o título *Die Negerfrage in den Vereinigten Staaten*, no volume de 1906 no qual encontravam-se, também, artigos de Simmel e Robert Michels. O importante, no entanto, são os deslocamentos na reflexão de Weber após o estabelecimento do diálogo com Du Bois, os quais ocorrem em torno da questão da casta enquanto sistema, tema comum a época, como segue:

Du Bois definiu como um sistema pré-ordenado baseado em costumes, lei e religião onde todos os homens de sangue negro deveriam ser enquadrados. Ele chamou a atenção, no entanto, que diferentemente do que ocorreu no passado europeu no qual a escravização não estava associada à cor da pele, a herança transmitida da Europa para a América foi a necessidade gradual, durante a escravidão de africanos no período colonial, da associação entre “certos tipos de trabalho e certas cores de homens como necessariamente conectados”. Esta elaboração tornou-se um conjunto coerente de relações econômicas e sociais através do qual os seres humanos foram divididos em classificações de "escravo e livre, superior e inferior, bom e mau". E, Du Bois, concluiu que a casta americana era uma realização política e não um fenômeno racial inerente. Dito de outra forma, é na degradação, conscientemente elaborada pela dominação colonial europeia, da condição social associada a certas características físicas que encontra-se o fundamento da escravidão de africanos, racializados como negros, nos Estados Unidos (Morris, 2015, p.156-157).

A referência de ambos, Boas e Herskovits, à história da África e o interesse subsequente de Herskovits pelas continuidades “africanas” entre os quilombos de

²⁵ “Until now,” he wrote “I failed in finding in the American (and of course any other) literature [*sic*] an investigation about the relations between the (so called) ‘race-problem’ and the (so called) ‘class-problem’ in your country. . . . We have to meet to-day in Germany not only the diletant literature . . . but a ‘scientific’ race-theory, built up on purely anthropological fundaments, too, — and so we have to accentuate especially those connections and the influence of socioeconomic conditions upon the relations of races to each other. I saw that you spoke some weeks ago about this very question and I should be very glad if you would find yourself in a position to give us, for our periodical, an essay about that object. So, I bid you to write me, whether you should be willing to do so, and at what time?” (Morris, 2015, p. 156)



Saramacca²⁶, no Suriname, explicam uma tensão na teoria e prática antropológicas que estava ausente no conceito de cultura em relação às comunidades afro-americanas, conforme definido por Robert E. Park, da Escola de Sociologia de Chicago. Park sustentou que “o negro, quando desembarcou nos Estados Unidos, deixou para trás quase tudo, menos sua pele escura e seu temperamento tropical”. Se comparado à afirmação de Boas acima, é possível ver que a distância entre os dois não era tão extrema, mas a discrepância entre antropologia cultural e sociologia aumentou à medida em que

“Boas influenciou a história, a difusão e as continuidades privilegiadas do projeto, que [...] ajudaram a moldar a cultura afro-americana, enquanto os cientistas sociais influenciados pelas teorias de Robert Park, particularmente, o sociólogo afro-americano Franklin Frazier, comprometeram-se com um projeto de elevação social dos negros americanos que basicamente via as diferenças culturais como resultado de uma história marcada por privação econômica e privação social. Por fim, a cultura negra constituía um desvio do padrão branco “determinado por fatores educacionais e econômicos, bem como pelo isolamento social” (Baker, 2010, p. 24).

Os sociólogos tiveram o apoio de organizações como a *National Urban League* e a *Rockefeller Foundation*, que promoveram cegamente a assimilação e a elevação racial. No entanto, quaisquer práticas ou costumes dos praticados pelos negros que diferiam de alguma norma convencional eram muitas vezes explicados em termos de desvio ou patologia ou simplesmente como obstáculos no caminho da completa assimilação. Sociólogos como Robert E. Park, E. Franklin Frazier, e Guy B. Johnson alavancaram o momento da era progressista, a missão das faculdades negras e os sentimentos de grande parte da elite negra em convencer a nação da potência da elevação racial e do poder curativo da assimilação. A elevação e a assimilação raciais não eram muito mais que eufemismos para evolução e civilização, menos o componente biológico. Mais importante, a assimilação quando se deu foi sem integração e a mobilidade “racial” sem direitos iguais (BAKER, 2010, pp. 1-32).

Assim, no período de 1919 a 1958 vamos nos deparar com, por um lado, a visibilidade e consolidação de uma perspectiva patrimonialista da cultura negra-americana representada por Boas e seus discípulos Herskovits (retenções das culturas africanas), com a potente

²⁶ On The Provenience of the Portuguese in Saramacca Tongo, 1931. Herskovits, M. (1931) On the provenience of the Portuguese in Saramacca Tongo, *West Indische Gids*, 12, 545-557.



variante brasileira de Gilberto Freyre (miscigenação/mestiçagem, isto é, a fusão dos elementos africanos e a predominância dos elementos culturais europeus). E, por outro lado, a perspectiva de elevação (mobilidade) “racial” de Robert Park e Franklin Frazier, que ao negarem a especificidade cultural dos descendentes de africanos e o racismo referendavam tanto as concepções de Boas e seus discípulos quanto estimulavam o ciclo aculturação-assimilação-integração, em um momento em que os linchamentos se constituíam em um fato recorrente na experiência norte-americana.

Desta forma, o projeto de Du Bois que Baker (2010) denomina de ético humanitário, não poderia competir com a poderosa narrativa de elevação individual e culpa coletiva. Paralelamente ao resultado de perda, de assimilação ou preservação entre os índios americanos, Stephanie Y. Evans explica, a “[...] classe média negra ficou entre a rocha do primitivismo e o lugar difícil das aspirações burguesas” (EVANS, 2007, p. 65) (tradução livre)²⁷.

Assim, o desvendamento da negação da contribuição de Du Bois como fundador da sociologia (MORRIS, 2015) tem possibilitado, também, sua reabilitação enquanto um importante integrante do pensamento político tanto por sua contribuição para o desenvolvimento do Pan-africanismo e descolonização do continente africano quanto por suas contribuições ao movimento dos direitos civis e para a erosão do arcabouço segregacionista norte-americano (REED, 1997)²⁸.

Recentemente a contribuição de Du Bois (especialmente *The Souls*) passou, também, a ser analisada menos pelo seu aspecto analítico e mais pelo figurativo ou retórico. E autores como Gikandi (2005) chamam a atenção para a importância de se recorrer aos textos africanos influenciados por ele, para ver o tipo de papéis políticos distintos desempenhados pelo método e pela estratégia de Du Bois no texto pan-africanista. A perspectiva do autor envolve a interação de três forças:

²⁷ Stephanie Y. Evans explains, the black “middle class was ultimately caught between the rock of primitivism and the hard place of bourgeois aspirations” (EVANS, 2007, p. 65).

²⁸ Reed, Adolph L. W. E. B. Du Bois and American political thought: fabianism and the color line / Adolph L. Reed, Jr. New York: Oxford University Press, 1997.



a primeira diz respeito ao papel da África como uma categoria estética (e não material) na luta de Du Bois para instituir o negro como sujeito moderno. A segunda é a validação da ideologia estética como a única maneira pela qual a modernidade do negro poderia ser acessada, uma vez que outras formas de cognição - a moral e a racional, por exemplo - foram excluídas. A terceira é a evocação do sujeito moderno desejado por Du Bois através da figura da África, pois mesmo quando o afro-americano buscava identificação com a África, como lugar de origem, sempre havia a persistente suspeita de que essa associação também questionava sua americanidade, reforçando assim a trágica subjetividade dividida que Du Bois descreveria como dupla consciência em almas da gente negra²⁹ (GIKANDI, 2005).

Para Gikandi (2005), portanto, para além de um esquema conceitual ou programa político, Du Bois em *The Souls of Black Folk* desvenda toda uma região da "percepção e sensação humanas em contraste com o domínio mais rarefeito do pensamento conceitual" (GIKANDI, 2005), que passou a operar sob a rubrica de uma ideologia estética. De fato, desde sua primeira publicação, os textos de Du Bois funcionariam, para uma geração de escritores nacionalistas africanos, como um modelo de análise social - a exemplo de *Native Life in South Africa* de Sol Plaatje, 1982 (1916) - e, também, um modo de contrapor-se aos comprometidos com a verdade da modernidade - como em *Ethiopia Unbound: Studies in Race Emancipation* de Casely Hayford - publicados respectivamente em 1914 e 1911. Da mesma forma, a África se tornaria importante para Du Bois, não por causa de quaisquer verdades racionais que ela incorporasse, mas por causa de sua associação com uma ordem estética fora da tirania da razão imanente nos modernos sistemas de pensamento.

A perspectiva de análise de Gikandi (2005) amplia nossa compreensão e entendimento da presença de Du Bois na coletânea de artigos que deram origem ao livro editado por Alain Locke, em 1925, *The New Negro: Voices of the Harlem Renaissance*, e reeditado pela editora *Touchstone* em 1997 e, principalmente, permite reinscrever as relações

²⁹ The argument I want to develop here, then, involves the interplay of three forces: The first concerns the role of Africa as an aesthetic (rather than material) category in DuBois's struggle to institute the black as a modern subject. The second is his validation of the aesthetic ideology as the only way in which the modernity of the black could be accessed since other forms of cognition—the moral and the rational, for example—had been foreclosed. The third is the haunting of DuBois's desired modern subject by the figure of Africa, for even when the African American sought identity with Africa as the fatherland, a figure that I will return to shortly, there was always the nagging suspicion that this association also called into question his or her Americanness, thus reinforcing the tragic split subjectivity that DuBois was to describe as double-consciousness in *Souls*. <https://quod.lib.umich.edu/g/gefame/4761563.0002.101/--w-e-b-dubois-and-the-identity-of-africa?rgn=main;view=fulltext>.



entre sua contribuição e o impacto no continente africano, para além de sua luta concreta pela descolonização. E no plano teórico e metodológico possibilita o contraste entre a perspectiva de Du Bois (1925) *The Negro Minds Reaches Out*, no tópico intitulado *Worlds of Color* e Herskovits (1925) “*The Negro’s Americanism*,” no tópico *The Negro and The American Tradition* em *The New Negro: Voices of the Harlem Renaissance*, New York: Touchstone 1997, p. 360.

Em 1925, enquanto o texto de Herskovits reiterava a perspectiva de Boas, “o que existe hoje no Harlem, distinto da cultura branca que o cerca, é, até onde eu posso ver, apenas um remanescente dos dias como camponeses no sul. Da cultura africana, nem um traço” (HERSKOVITS, 1925; 1997, p.359)³⁰; coube a Du Bois, no entanto, o estabelecimento dos vínculos do movimento no Novo Mundo a eventos e tendências na África. Ele traça as implicações globais do movimento Novo Negro, especialmente no que se refere ao colonialismo e à luta pela liberdade na África³¹. Ao retomar a formulação da *color line* (linha de cor) 25 anos depois ele escreveu o seguinte:

A maioria dos homens concordaria que nosso principal problema atual problema dos problemas atuais não é o Problema da Cor, mas o que chamamos de Trabalho, o problema de alocar trabalho e renda na tremenda e cada vez mais intrincada máquina industrial que nossa civilização construiu. Mas, apesar de nossa preocupação e boa vontade, não é possível que, em sua consideração, nossa pesquisa não seja direcionada geograficamente aos pontos vitais? Nossa boa vontade é muitas vezes confinada ao trabalho que vemos, sentimos e exercitamos ao nosso redor, em vez de direcionada para a periferia do vasto círculo, onde invisíveis e inarticulados, os fatores determinantes estão em ação. E não pode o contínuo desconcerto de nosso esforço e o fracasso de nossa fórmula ser justificado apenas por esses erros? O imperialismo e o industrialismo modernos são o mesmo sistema; raiz e ramo da mesma árvore. O problema racial é o outro lado do problema trabalhista; e o fardo do

³⁰ “What there is today in Harlem distinct from the white culture which surrounds it, is, as far as I am able to see, merely a remnant from the peasant days in the South. Of the African culture, not trace”. Herskovits (1925) “*The Negro’s Americanism*,” no tópico *The Negro and The American Tradition*. in ed. Alain Locke, *The New Negro: Voices of the Harlem Renaissance*, New York: Touchstone 1997, p. 360. Herskovits (1925) “*The Negro’s Americanism*,” no tópico *The Negro and The American Tradition*. in ed. Alain Locke, *The New Negro: Voices of the Harlem Renaissance*, New York: Touchstone 1997, p. 359. Veja, também, Kravagna (2012) *The Trees of Knowledge: Anthropology, Art, and Politics* Melville J. Herskovits and Zora Neale Hurston – Harlem ca. 1930. <https://transversal.at/transversal/0112/kravagna/en>.

³¹ ...is entrusted with the task of linking the movement in the New World to events and trends in Africa. He traces the global implications of the New Negro movement, especially as it relates to colonialism and the struggle for freedom in Africa. Du Bois (1925) *The Negro Minds Reaches Out*. In: ed. Alain Locke, *The New Negro: Voices of the Harlem Renaissance*, New York: Touchstone 1997, Introdução.



homem negro é o fardo do homem branco. Pelo menos será de interesse absorvente entrar nessas sombras distantes do mundo e, olhando para trás, ver o problema trabalhista europeu e branco americano sob essa ampla perspectiva, lembrando sempre que o império é a mão pesada do capital no exterior. (Du Bois, 1925; 1997, p. 385-386)³².

Em outros termos, Du Bois demonstrava as armadilhas postas no caminho nacional das ciências sociais, em geral, e da sociologia em particular, que não nos deixam olhar para trás e refletir sobre as origens, primeiro, “raciais” da dominação econômica e sua continuidade na contemporaneidade euro-americana e da periferia, agora, como cultural entremeada aos nacionalismos de todas as matrizes que se abrigam sob a bandeira política da democracia, que Du Bois, em 1925, sabia ser a única alternativa política contra a constante ressignificação da “raça” enquanto construção social, que prometia (e promete) aos negros não a igualdade com base nas diferenças culturais, mas a possibilidade mortal de elevação social nos moldes brancos.

Em continuidade, no mesmo texto, Du Bois observou os desafios que estavam postos para os partidos trabalhistas:

[...] a questão que os novos partidos trabalhistas enfrentam no mundo - as novas organizações políticas que estão determinadas a forçar uma medida maior de democracia na indústria do que se tem agora. O movimento trabalhista sindical dominante na Austrália, África do Sul e Estados Unidos tem sido até agora autocrático e, no fundo, capitalista, acreditando na indústria com fins lucrativos e desejando apenas garantir uma parcela maior dos lucros para guildas específicas. Mas o maior movimento trabalhista após a guerra prevê, através de ação política democrática, um verdadeiro poder democrático da massa de trabalhadores na indústria e no comércio. Duas perguntas aqui surgem: os novos partidos trabalhistas

³² Most man would agree that our present problem of problems was not the Color Problem, but what we call Labor, the problem of allocating work and income in the tremendous and increasingly intricate world-embracing industrial machine that our civilization has built. But despite our concern and good will, is it possible that in its consideration our research is not directed to the vital spots geographically? Our good will is too often confined to that labor which we see and feel and exercise around us, rather than directed to the periphery of the vast circle, where unseen and inarticulate, the determining factors are at work. And may not continual baffling of our effort and failure of our formula be due to just such mistakes? Modern imperialism and modern industrialism are one and the same system; root and branch of the same tree. The race problem is the other side of the labor problem; and the man's burden is the white man's burden. At least it will be of absorbing interest, to step within these distant world shadows, and, looking backward, to view the European and white American labor problem from this wide perspective, remembering always that empire is the heavy hand of capital abroad. Du Bois (1925) *The Negro Minds Reaches Out*. In: ed. Alain Locke, *The New Negro: Voices of the Harlem Renaissance*, New York: Touchstone 1997, pp.385-386.



receberão as raças (não-brancas) nessa democracia industrial? E, se o fizerem, como isso afetará a indústria?

A atitude do trabalhador branco em relação às pessoas de cor é em grande parte uma questão de propaganda e fofocas prolongadas. Os trabalhadores brancos sabem ler e escrever, mas além disso, sua educação e experiência são limitadas e vivem em um mundo de preconceitos de cores (Du Bois, 1925; 1977, p. 406-408)³³.

Assim, o resgate da contribuição de Du Bois tem se demonstrado como um empreendimento surpreendente em relação à atualidade de tratamento de temas e problemas que emergiram desde a virada do século XIX para o XX e, também, porque sua obra pode ser lida tanto como uma alternativa ilustrativa das possibilidades que nos foram negadas pelo racismo acadêmico e *nacionalismo metodológico*³⁴ quanto pela antecipação nela contida de vários temas da agenda de estudos pós-coloniais.

Além de muitos outros textos importantes no período alguns nos parecem fundamentais entre 1919 e 1958: o *Manifesto of the Second Pan-African Congress* de 1921, *Black Reconstruction* de 1935, *Dusk of Dawn*, publicado em 1940, *Prospect of a World without Race Conflict* de 1944 e *Color and democracy: colonies and Peace* de 1945. Todos estes trabalhos estão inseridos em temáticas que orbitam ao redor de problemáticas como a tentativa de Du Bois de desconstrução da noção biologizante de raça para uma perspectiva de diferenciação cultural e de luta contra o colonialismo Europeu e seus efeitos nefastos e, também, relacionados à problemática da disputa em torno da reestruturação do mundo após

³³This is the question that faces the new labor parties of the world—the new political organizations which are determined to force a larger measure of democracy in industry than now obtains. The trade union labor movement dominant in Australia, South Africa and the United States has been hitherto autocratic and at heart capitalistic, believing in profit-making industry and wishing only to secure a larger share of profits for particular guilds. But the larger labor movement following the war envisages through democratic political action real democratic power of the mass of workers in industry and commerce. Two questions here arise: Will the new labor parties welcome the darker race to this industrial democracy? And, if they do, how will this affect industry? The attitude of the white laborer toward colored folk is largely a matter of long continued propaganda and gossip. The white laborers can read and write, but beyond this their education and experience are limited and they live in a world of color prejudice. Du Bois (1925) *The Negro Minds Reaches Out*. In: ed. Alain Locke, *The New Negro: Voices of the Harlem Renaissance*, New York: Touchstone 1997, pp.406-408.

³⁴ Para uma discussão do nacionalismo metodológico e seus impactos negativos veja Andreas WIMMER (2002). *Nationalist exclusion and ethnic conflict: shadows of modernity*. Cambridge: Cambridge University Press. Anreas WIMMER e Nina Glick SCHILLER. *Methodological Nationalism and beyond: nation-state building, migration and social Science*, *Global Network* 2, 4 (2002), pp. 301-334. E, também, *The Palgrave Dictionary of Transnational History: from the mid-19th century to the present day*. Editado por Edited .Akira Iriye e Pierre-Yves Saunier, pp. 942-945, verbete sobre sexualidade e Migração.



a I e II Guerras Mundiais e a desilusão do autor com as tentativas de (des)racialização da democracia norte-americana e a presença do colonizador nos países africanos.

A RECONFIGURAÇÃO DO MUNDO SOCIAL E A EMERGÊNCIA DE UMA AGENDA POLÍTICA PÓS-COLONIAL

Logo após o início do ciclo de descolonização, com a independência de Gana em 1957, o nosso terceiro período em termos temporais, a partir de 1958, foi precedido pela formação da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945, e no seu interior, a sua principal agência, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o Fifth Pan-African Congress de Manchester na Inglaterra, a promulgação da Declaração de Direitos Humanos pela ONU em 1948 e a descoberta da estrutura do DNA por James Watson e Francis Crick em 1953.

As guerras europeias de 1919 e 1945 foram marcos fundamentais do período, tanto por exporem as consequências sociais e culturais do racismo, quanto por reconfigurarem cultural, social e politicamente o mundo ao proporem uma nova forma de gestão global. Coube à UNESCO a gestão dos conflitos raciais e culturais. O projeto da Unesco³⁵ era, portanto, extremamente influenciado pelas potências ocidentais, bem como tomava por referência, por razões óbvias, o seu modelo paradigmático de civilização e cultura. Dessa forma, a gestão da modernização com vistas ao desenvolvimento seria por meio de uma tecnologia de regulação que passaria, tanto pela gestão do conhecimento (ciência e tecnologia), quanto pela expansão de uma cultura concebida como “superior” (a ocidental),

³⁵ A Unesco foi criada tendo como um de seus principais objetivos discutir os conflitos internacionais mediados pela categoria “raça”, tendo em vista o Holocausto, o racismo, especialmente nos EUA e na África do Sul e o movimento das lutas por libertação do continente africano e asiático. Foi nesse panorama que o Brasil, particularmente, recebeu uma maior atenção para uma agenda de pesquisa e estudos sobre relações raciais. Essa agenda pode ser identificada desde a produção do antropólogo francês Alfred Métraux sobre negros e índios na América do Sul e Central, pois Métraux em abril de 1950 assumiu a direção do Setor de Relações Raciais do Departamento de Ciências Sociais da Unesco. Junto com Métraux reúne-se também o antropólogo Ruy Coelho que foi ex-aluno de Roger Bastide e Herskovits, Alfred Métraux e Ruy Coelho no interior da Unesco foram responsáveis por coordenar e orientar o projeto de pesquisa sobre relações raciais que ocorreria no Brasil. Existem várias análises do projeto UNESCO entre as quais cabem destaques os textos Brancos e negros em São Paulo de Roger Bastide e Florestan Fernandes e o número especial da Revista Anhembi. Ver mais em: BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. (1955), *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo, Anhembi.



pensada na sua estreita relação com políticas de preservação, proteção e divulgação de bens culturais e trocas intelectuais.

Vários documentos e artigos sobre a Unesco permite entender que os pressupostos de sua criação se orientavam pela preservação de monumentos históricos, tradições folclóricas, um estilo nacional de arte - em tais coisas, um povo mostra sua individualidade. Mas uma cultura mundial vem da mistura. A primeira tarefa da UNESCO seria promover as relações internacionais, organizando pensadores, escritores, artistas e suas ideias para mover-se livremente através das fronteiras nacionais. A UNESCO formaria um ponto de encontro para as culturas do mundo. Ela estimularia as nações a desenvolver sua literatura, arte e ciência e vê-las como partes de uma herança mundial.

A UNESCO, portanto, em tese organiza ações internacionais pedindo aos Estados membros que apliquem medidas técnicas e legais que protejam monumentos e obras de arte. Recomenda a adoção de medidas que garantam condições de liberdade e independência a artistas e escritores. A cultura, no entanto, não deve se tornar a grande reserva de uma minoria. Se perder o contato com a humanidade, ela se atrofia e se torna estéril. Aqui, como em outros campos, a Unesco ajuda intelectualmente os intelectuais a servirem a humanidade. Encoraja os esforços dos Estados membros para fortalecer seu desenvolvimento cultural, especialmente através da capacitação da juventude e da educação de adultos.

Embora alguns pressupostos fossem passíveis de concordância, as manifestações de artistas, intelectuais e de ativistas políticos logo fizeram-se presentes como forma de questionamento das diferenças de poder. Estas engendrariam uma determinada concepção política de cultura na qual haveria um “congelamento” do passado, abrindo-se para o futuro um novo entendimento de cultura a ser administrado pela principal agência da ONU.

A Conferência de Bandung, de certo modo, representou a manifestação pública dos questionamentos engendrados por intelectuais e políticos sobre aquelas diferenças de poder político. Para Senghor (1956), a Conferência de Bandung³⁶ (Indonésia) realizada entre 18 e 24 de abril de 1955, com a presença de 29 nações da Ásia e da África, inscreveu-se na história dos povos de cor, menos pelas intrigas que os líderes dos dois blocos representativos do que

³⁶ Bandung é uma cidade da ilha de Java, na Indonésia. Localiza-se na zona oeste da ilha, no interior. Tem um clima fresco, o que faz dela uma estância turística. É também um centro cultural e industrial importante.



conhecemos como “Guerra Fria”, EUA e URSS, tentaram despertar, e mais por causa do espírito de libertação que ali nasceu.

O *espírito de Bandung* era do desejo veemente e impaciente que demonstravam as nações presentes, naquele momento, em afirmar e fortalecer sua personalidade (identidade). Nesse sentido, para Senghor, a Conferência animava índios e, particularmente, os negros da América, em especial porque “a raça negra, mais que qualquer outra, foi a vítima das grandes descobertas³⁷” (SENGHOR, 1956, p. 51-65). E, também, porque o sangue, o suor e a força negra haviam construído a América por meio do tráfico de escravos e privado a África de milhões de seus filhos. O autor relaciona, portanto, o significado de Bandung ao que representou a Renascença para a Europa, mas o Renascimento para as novas nações não-brancas estaria orientado, em primeiro lugar, pela reconquista de suas culturas porque a experiência provou que:

[...] a liberação cultural é uma condição essencial da libertação política. Se a América branca admitisse as reivindicações dos negros, seria porque escritores e artistas, ao mostrar o verdadeiro rosto da raça, restauraram sua dignidade; se a Europa está começando a contar com a África, é porque sua escultura tradicional, música, dança, literatura e filosofia são, a partir de agora, forçadas a um mundo atônito (SENGHOR, 1956, p. 51-56).

Isso significa que, no espírito renascentista proposto por Senghor, os escritores e artistas negros deveriam, naqueles dias, ensinar a partir da África, e não da Europa, o conhecimento sobre o seu próprio continente implementando o espírito de Bandung.

A primeira conferência internacional de artistas e escritores negros de 1956 e o congresso de 1959 dão continuidade aos debates sobre o lugar da cultura na emancipação do continente e o vir a ser da diáspora africana.

O reconhecimento em 1958, como mostra a epígrafe no início do texto, mesmo que tardio, da importância das realizações de Du Bois, esperou mais algumas décadas para fazer-se presente na reflexão acadêmica vigorosa em torno do seu legado. Como, por exemplo,

³⁷ Senghor (1956, pp.51-56) “*the Negro race, more than any other, was the victim of the great discoveries*”. SENGHOR, Leopold S. *The spirit of civilisation, or the laws of African Negro culture*, pp. 51-65. In: *The First International Conference of Negro Writers and Artists (Paris-Sorbonne, 19 a 22 September, 1956)*.



além do já citado livro de Morris *The scholar denied: W.E.B. Du Bois and the birth of modern sociology*, a coletânea organizada por Henri Gates Jr. *The Oxford W.E.B. Du Bois reader* (1996). Uma das várias questões a partir das quais Du Bois refletiu sobre a sua própria experiência e de sua coletividade, atribuída ou assumida, foi a seguinte: *como é a sensação de sentir-se um problema? (How does it feel to be a problem?)*.

Embora haja inúmeras e tediosas discussões sobre o real sentido da pergunta feita por Du Bois (1990) a si mesmo em *The Souls of Black Folk*, o seu compromisso intelectual e seu ativismo político são inseparáveis em direção, tanto do desvendamento de dimensões da vida que não são capturadas por discussões míopes da consciência negra quanto dos intrincados caminhos a serem percorridos para superar, com base em uma agência criativa e histórica, as complexas e permanentemente ressignificadas relações de poder que os negros de todo o mundo estão envolvidos. Seu compromisso primordial foi o de conferir, por meio do legado cultural coletivo, aos africanos um lugar na humanidade e, ao mesmo tempo, através da ação política construir uma alternativa de poder capaz de conferir capacidade de negociação, aos mesmos e seus descendentes, para a integração efetiva em um mundo hierarquizado cientificamente pela ideia da existência de *natives race*, leia-se “raças inferiores”. Como?

A resposta de Du Bois, ao menos desde as primeiras duas décadas do século XX pressupunha, primeiramente, a identificação do que os próprios negros pensavam dos problemas e da atitude do mundo em relação a eles. Neste sentido, ele identificava a emergência de um novo pensamento em fase de unificação e consolidação em centros fora da Europa, por exemplo, nos Estados Unidos e nas Índias Ocidentais (atual Caribe); no continente africano, na África do Sul e África Ocidental e, mais vagamente, na América do Sul, na África Central Oriental, na Nigéria e no Sudão.

O pan-africanismo³⁸ na visão de Du Bois nascia com a vocação de construir paulatinamente uma unidade, além da contrapropaganda racial estreita, similar a das classes

³⁸ As a result, a shared African identity first emerged in a global/transnational context and was then embraced by the leaders of the rising nationalist movements in different parts of the continent. The history of Pan-Africanism best illustrates the transnational and global roots of African identity:

The earliest notions of a Pan-African vision of unity were developed by a wide range of African-American intellectuals, such as Martin R. Delany (1812-85), Alexander Crummell (1822-98) and Edward Blyden (1832-1912), who all shaped the more systematic ideas of African identity and unity in the writings of W. E. B. Du



trabalhadoras, mas, também, contrária ao alinhamento politicamente contraditório da classe trabalhadora (branca) dos EUA e dos impérios europeus à manutenção da política colonial. Para Du Bois o problema dos negros na África e na América transformou o pensamento dos negros em uma compreensão do fato de que o trabalhador branco moderno da Europa e da América tem a chave da servidão do povo negro em seu apoio ao militarismo e colonialismo em expansão³⁹ (Du Bois, 1915).

Dessa forma, a história de uma identidade compartilhada em um contexto global/transnacional foi adotada por lideranças representativas, do continente e fora dele, como ilustra a história do pan-africanismo como parte das raízes transnacionais e globais da identidade africana: o pan-africanismo começou como um projeto político apelando para a solidariedade e potencial união de todos os africanos numa única federação africana, na qual aqueles na diáspora africana pudessem regressar. Mais importante do que seus projetos políticos, no entanto, foram as realizações culturais do movimento, já que o pan-africanismo encorajou e inspirou um conjunto de literatura compartilhada, projetos artísticos e escritos históricos sobre os negros e africanos em uma esfera intelectual verdadeiramente transnacional.

Os anos 60 constituem-se em um período importante, do ponto de vista do enquadramento da cultura como uma categoria significativa de explicação dos fenômenos sociais que estavam latentes, como, por exemplo, os protestos e manifestações estudantis/juvenis ao redor do mundo contra a presença imperial norte-americana no Vietnã e a invasão francesa na Argélia, os movimentos de direitos civis nos EUA e as lutas de libertação do continente africano e asiático e é esse o contexto do final da vida de Du Bois. Seu último escrito foi uma carta encorajadora aos organizadores da Marcha de Washington, falecendo um dia antes, em 27 de agosto de 1963. Nesta ocasião, houve um funeral de Estado

Bois. Their 'negro race' based Pan-Africanism rested in large part on a critique of Western civilization and white supremacism.

³⁹ The Negro problem in Africa and America has turned the thoughts of Negroes toward a realization of the fact that the modern white laborer of Europe and America has the key to the serfdom of black folk, in his support of militarism and colonial expansion. He is beginning to say to these workingmen that, so long as black laborers are slaves, white laborers cannot be free. The Negro problems. In: *Du Bois, W.E.B The Negro. New York: Holt, 1915*. Disponível em: <http://www.sacred-texts.com/afr/dbn/index.htm> , acesso em 25 de maio de 2018..

com honras e homenagens a W.E.B Du Bois, no qual participou Kwame Nkrumah, presidente de Gana, reconhecendo sua importância⁴⁰. Por outro lado, nenhum representante do Estado norte-americano foi ou prestou solidariedade.

Em 1968 houve a publicação de sua Autobiografia póstuma que faz questão de ressaltar, sobretudo, sua contribuição no planejamento de uma solidariedade transnacional entre africanos e descendentes de africanos no mundo todo através do Pan-Africanismo. A estreia da série *Roots* (Raízes) baseada no livro *Roots: The Saga of an American Family* de Alex Haley de 1976, cujo enredo gira em torno de um resgate cultural africano por meio da vida de Kunta Kinté, a série marcou gerações de jovens negros (as) mundo a fora, justamente pela premissa do pertencimento cultural respaldado por uma origem africana, trata-se do retorno à África, por coincidência ou ironia, Du Bois, que nasceu um homem livre, durante sua vida percorreu as rotas de retorno à África, por meio da ciência e da luta política, nasceu americano e morreu africano.

Paul Gilroy que partilha de uma perspectiva Du Boisiana⁴¹ crítica de análise, em diálogo com essa tradição de pensamento, publicou em 1993 a primeira edição de *Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness* enfatizando não a um retorno ao continente africano, mas sim as contribuições de África para a constituição da modernidade resgatando uma das preocupações que acompanhou boa parte da produção de Du Bois. Gilroy (1993) ao falar da diáspora como uma estrutura transnacional, que se desenvolve e elabora redes de comunicação globais de fluxos culturais, mostra o desafio que o transnacionalismo negro impõe para o campo das ciências sociais que operam nos limites das fronteiras dos Estados Nacionais. Nesse sentido, o autor faz uma crítica às perspectivas etnocêntricas e nacionalistas das ciências sociais e o elemento principal de sua crítica é a contribuição da cultura vernacular negra, especialmente a música. A inscrição desses temas nos ensina que nas

⁴⁰ Ao completar 83 anos, em fevereiro de 1951 W. E. Du Bois, organizou uma grande festa de aniversário para arrecadar fundos para a descolonização africana. E ele foi indiciado, preso e denunciado no tribunal federal como agente da União Soviética, porque havia circulado uma petição protestando contra armas nucleares, mas o departamento de Estado americano cancelou seu passaporte após sua mudança, em 1961, para Gana.

⁴¹ Emancipatory Sociology: rising to the Du Boisian Challenge - <https://www.asanet.org/annual-meeting-2021/theme>



contribuições de Du Bois já encontramos e identificamos a emergência de uma nova imaginação sociológica.

Em 2005 a American Sociological Association (ASA) apresentou um conjunto de ações em nome do reconhecimento da reflexão, produção e contribuição intelectual de Du Bois⁴² para o campo das ciências sociais. Tal evento permite-nos compreender melhor os esforços de Aldon Morris, e vários outros cientistas sociais e das humanidades, para formação de uma nova geração de pesquisadores que não lhes sejam negadas as contribuições de intelectuais negros simplesmente em função do racismo acadêmico. Neste sentido, o relato em um tom pessoal de Aldon Morris, no prefácio do seu livro *The Scholar Denied*, em diferentes gradações, poderia ser expressão de inúmeras outras experiências no âmbito do processo formativo em ciências sociais, no contexto dos anos 50 e 60 na América, mas a o racismo acadêmico continua a atravessar a experiência de milhões de jovens negros e negras nas universidades do mundo todo, em plena entrada da terceira década do século XXI, em todas as áreas do conhecimento simplesmente por eles serem diferentes. De acordo com Morris não era incomum a indagação, por vezes silenciosa ou muitas vezes sem resposta, sobre a razão da ausência de intelectuais negros nas referências bibliográficas dos cursos de formação em ciências sociais⁴³ mesmo que alguns professores ou certos grupos de acadêmicos já reconhecessem a relevância de autores como Du Bois.

O relato da experiência de Morris parece se apresentar a boa parte dos estudantes negros(as) para o caso brasileiro, o qual recentemente implementou ações afirmativas⁴⁴ no ensino médio técnico federal e universitário superior. Observa-se que os novos enfoques e

⁴² <https://www.asanet.org/news-events/member-awards/web-dubois-career-award>

⁴³ In one session, I steeled my nerve and asked Professor Coser, “Why don’t you have a picture of Du Bois on your wall?” From behind a gigantic puff of cigarette smoke, he responded in his cultured European accent, “Masters of sociological thought are those rare scholars who build theoretical systems, and Du Bois did not build such a system.” I straightened up and responded, “But Professor Coser, what about Du Bois’s pioneering work on race where he accurately predicted that the problem of the twentieth century would be the color line?” Coser was not persuaded. In a barrage of words, I inquired, “What about *The Philadelphia Negro* and *The Souls of Black Folk*? Don’t they show a master at work?” Coser, always graceful and gentle when it came to students, softly replied, “Du Bois was not a master of sociological thought.” In that conclusion, Coser mirrored his generation, which also excluded Du Bois from mainstream sociological canons. *In The Scholar Denied W. E. B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology (preface XV)*

⁴⁴ Valter Silvério. Ações afirmativas e o combate ao racismo institucional no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, nº 117, pp. 219-246, novembro/ 2002.



problemáticas de análises a partir do uso e referência a intelectuais negras (os) acerca dos fenômenos sociais, têm proporcionado deslocamentos de pressupostos e com isso permitido trabalhar com questões que não são novas, mas fundamentais para crítica das teorias vigentes.

OS LIMITES DA SOCIOLOGIA FRENTE AO TRANSNACIONALISMO NEGRO E A EMERGÊNCIA DE UMA NOVA IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

Ao se trabalhar com Stuart Hall, aprendemos que a ideologia diz respeito aos referenciais “mentais – linguagens, conceitos, categorias, conjunto de imagens do pensamento e sistemas de representação – que as diferentes classes e grupos sociais empregam para dar sentido, definir, decifrar e tornar inteligível a forma como a sociedade funciona” (HALL, 2003, p. 267). Para o autor, o problema da ideologia é concernente às formas pelas quais ideias diferentes tomam conta das mentes das massas e, por esse intermédio, se tornam uma “força material”. Sendo assim, a teoria da ideologia nos ajuda a compreender como “os conceitos e linguagens do pensamento prático que estabilizam uma forma particular de poder e dominação; ou que reconciliam e acomodam as massas em seu lugar subordinado na formação social” (HALL, 2003, p. 267) operam em processos de ressignificação de sujeitos colonizados/racializados.

Em relação às ideologias raciais, para além das teorias racialistas, elas podem fornecer o mapa de posições e relações sociais existentes em um contexto histórico preciso, incluindo as relações de dominação, as quais serviram de justificativa para as mais diversas formas de subordinação. No caso brasileiro, é visível a influência exercida pela ideia de que somos uma “democracia racial”, que nos iguala simbolicamente em termos de uma mistura genética e cultural e, também, que nos hierarquiza em termos cromáticos nas relações sociais cotidianas, posicionando os indivíduos não brancos em uma escala de qualidades e valores observáveis nas posições que eles ocupam, por exemplo, no mercado de trabalho.

No seu desenvolvimento clássico, a sociologia ao desconsiderar em toda a sua extensão o impacto do colonialismo e da escravidão, limitou a nossa compreensão do mundo pós-colonial. Daí a necessidade de uma releitura das revoluções inglesa e francesa que tente capturar o que foi obstruído e/ou ocultado, com acréscimo também da revolução haitiana. Para Bhabra (2010), uma *nova imaginação sociológica*, que dê inteligibilidade ao mundo



pós-colonial, necessita de uma releitura da história que considere os eventos em suas interconexões - como, por exemplo, a supressão do tráfico de escravos impulsionou a economia inglesa e norte-americana gerando, ao mesmo tempo, em condições pós-escravistas, um sistema segregacionista no sul dos Estados Unidos - ou como as conexões entre a revolução francesa e a haitiana nos permitiria outro entendimento dos sentidos da revolução política. Desse modo, a “nova imaginação sociológica” para a autora se estruturaria a partir das duas críticas que ela dirige à sociologia canônica: 1) a crítica epistemológica assentada na distinção inapropriada entre processos sistêmicos e interação social; 2) a crítica metodológica se contrapondo à predominância de uma sociologia histórica baseada em tipos ideais, substituindo-a por uma perspectiva de sociologias conectadas, que seria fundamentalmente uma reconstrução incluindo correlações e eventos históricos que foram esquecidos ou desconsiderados. Em termos substantivos, seria focar no que é reconhecido como sociológico no passado e uma reconsideração de como se pode alterar o caminho no qual pensamos o presente e o futuro, destacando as conexões históricas “ausentes” geradas por processos como colonização, escravidão, despossessão e apropriação.

Iniciar o processo de reconexão pela leitura da obra de Du Bois pode se constituir em descobertas surpreendentes de temas e problemas abordados por Stuart Hall, em suas amplamente conhecidas, e pouco citadas *Du Bois Lectures*, de 1994. O autor tinha por objetivo atualizar o problema da linha da cor posto por Du Bois no início do século XX. Assim, Hall declarou brevemente⁴⁵ que o seu objetivo era atualizar o audaz Du Bois do início do século XX:

[...] ver a questão da etnicidade - ao lado e em uma situação incômoda na relação não resolvida com a raça, por um lado, e para com a nação, por outro - como um problema-chave que destrói radicalmente os três termos. Colocando a questão dessa maneira o que eu vejo como o problema do vigésimo primeiro século - o problema de viver com a diferença - de uma maneira que não é apenas análoga ao problema da

⁴⁵ briefly stated, Hall said that his aim in his Du Bois lectures, delivered at the end of the twentieth century, was update Du Bois's bold warning from the beginning of that century: "to see the question of ethnicity - alongside and in an uneasy and unresolved relationship to race, on the one hand, and to nation, on the other - as posing a key problem that radically unsettles all three terms. Posing the question in this way presents us with what I see as the problem of the twenty-first century - the problem of living with difference - in a manner that is not only analogous to the problem of the 'color line' that W.E.B Du Bois pointed to more than a hundred years ago but also historically specific transformation



"linha de cor", que W.E.B. Du Bois apontou há aproximadamente cem anos, mas também uma transformação historicamente específica (HALL, 2017, pp.85-86).

Ou seja, as ressignificações das categorias raça, etnia e nação, suas transições atuais para etnicidade e diáspora, e as resistências com a reposição de seus velhos sentidos pelo poder/conhecimento. O autor visualiza uma equação combinatória deslocando poder-conhecimento-raça formulado por Du Bois, para poder-conhecimento-diferença. Sua investigação incide sobre as formas históricas de conhecimento que produzem e conferem inteligibilidade à raça, etnicidade e nação, como sistemas classificatórios que atravessam a experiência social humana, criando hierarquias de pertencimentos. Quando lidas na sua relação com o espaço e o tempo demonstram, por um lado, a impossibilidade de sua fixação e, por outro lado, as tentativas do conhecimento-poder de estabilizá-las ou deslocá-las por meio de discursos.

Hall (2017) descreveu o processo acima como uma "cadeia de equivalências", solta, mas letal (um conceito que ele emprestou do filósofo político argentino Ernesto Laclau), delineando as hierarquias entre o que os olhos podem ver e o que a mente pode perceber. Desta forma, assegura àquele com poder a autoridade de produzir conhecimento sobre o que essas diferenças, arbitrariamente elevadas sobre outras em importância – por exemplo, como é o caso da nação sobre a etnicidade - significaram e (significam). Agir sobre essas diferenças, ou sobre a cadeia de diferenças têm consequências devastadoras no mundo real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, Anthony. *Lines of descent: W. E. B. Du Bois and the emergence of identity*. Cambridge, Massachusetts London: Harvard University Press, 2014.

APPIAH, K.A & GATES JR, H.L (editors). *Africana: The Encyclopedia of the African and African American Experience (The concise desk reference)*. Philadelphia and London: Running Press, 2003.

BHAMBRA, G. *Sociology and Postcolonialism: Another 'Missing' Revolution?* In: BURNETT, J.; JEFERS, S.; THOMAS, G. *New Social Connections: Sociology's Subjects and Objects*. Londres: Palgrave-Macmillan, 2010, p 871–884.

BOAS, Franz. 1911. *Introduction: Handbook of American Indian Languages, Vol. 1, p. 1-83*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 40. Washington: Government Print Office (Smithsonian Institution,



Bureau of American Ethnology). http://biblio.wdfiles.com/local--files/boas-1911-introduction/boas_1911_introduction.pdf.

COLLINS, P. H. Freedom Now! 1968 as a Turning Point for Black American Student Activism, 2009, pp. 3-28. In: Gurminder K. Bhambra and Ipek Demir (Org.). "1968 in retrospect: history, theory, alterity", PALGRAVE MACMILLAN, 2009.

Du Bois, W.E.B. The World and Africa: An Inquiry into the Part Which Africa Has Played in World History Expanded. New York: International Publisher, 1965.

_____. The Philadelphia Negro: a Social Study. Boston: University of Pennsylvania, Ginn & Co, 1899.

_____. The Suppression of the African Slave-Trade to the United States of America, 1638-1870. Cambridge: Harvard University Press. 1896.

_____. To the Nations of the World. In: FONER, P.S.; BRANHAM, R. J., *Lift Every Voice: African American Oratory, 1787– 1900*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1998, p. 906– 907.

_____. The Souls of Black Folk. New York: Vintage Books/The Library of America, 1990.

_____. The Negro. New York: Holt, 1915.

_____. W.E.B. *Color and democracy: colonies and Peace*, New York: Harcourt, Brace, 1945.

_____. *The World and Africa: An Inquiry into the Part Which Africa Has Played in World History Expanded*. ed., New York: International Publishers, [1965] 1946.

_____. In: ed. Alain Locke, *The New Negro: Voices of the Harlem Renaissance*, New York: Touchstone, 1997, pp.406-408.

GILROY, Paul. *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. London: Verso, 1993.

GOMES, Heloisa T. (tradução). *As Almas da Gente Negra*". Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

HALL, Stuart. *The Fateful Triangle: race, ethnicity, nation*. Cambridge: Harvard University Press, 2017.

_____. Race, Articulation, and Societies Structured in Dominance. In: *Sociological Theories: Race and Colonialism*. Paris: UNESCO, 1980, p. 305-345.

_____. Nuevas etnicidades. In: RESTREPO, E.; VICH, V.; WALSH, C. *Sin garantias: trayectorias y problemáticas em estúdios culturales*. Toleto: Evión Editores, 2010, p. 305-313.

LISS, J. Diasporic identities: The science and politics of race in the work of Franz Boas and W. E. B. Du Bois, 1894-1919. In: *Cultural Anthropology* 13(2), 1998, p. 127-169

LOCKE, A. *The New Negro: Voices of the Harlem Renaissance*, New York: Touchstone, 1997.

MORRIS, A. *The Scholar Denied: W. E. B. Du Bois and the Birth of American Sociology*, Oakland: University of California Press, 2015.

_____. W. E. B. Du Bois at the center: from science, civil rights movement, to Black Lives Matter, *The British Journal of Sociology* 2017 Volume 68 Issue 1.

REED, A. L. W. E. B. Du Bois and American political thought: fabianism and the color line. New York: Oxford University Press, 1997.

RICHARDSON, C.M. e LUKER, R. E. *Historical Dictionary of the Civil Rights Movement*. New York: Rowman & Littlefield Publishing, Second edition, 2014.

SENGHOR, L.S. The spirit of civilisation, or the laws of African Negro culture. In: *The First International Conference of Negro Writers and Artists*. Paris: Presence Africaine: Cultural Journal of the Negro World, 1956, p. 51-65.

_____. Preface. In: GANAY et alli , *Ethnologiques: Hommages à Marcel Griaule*, 1987.

SILVÉRIO, V. R. e TRINIDAD, C. T. Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo? *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 891-914, jul.-set, 2012

SILVÉRIO, Valter R. O programa Brasil-África na construção da ideia de diáspora africana. In: *Novos Olhares Sociais*. Cachoeira: Revista do PPGCS/UFRB, vol.1, n.1, 2018, p.131-162.

_____. Relações étnico-raciais e educação: Entre a política de satisfação de necessidades e a política de transfiguração. *Revista Eletrônica de Educação (São Carlos)*, v. 9, p. 35-66, 2015

_____. Multiculturalismo e metamorfose na racialização: notas preliminares sobre a experiência contemporânea brasileira. In: Maria da Gloria Bonelli; Martha Diaz Villegas de Landa (Orgs.). *Sociologia e mudança Social no Brasil e na Argentina*. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2013, p. 33-60.

_____. Ações afirmativas e o combate ao racismo institucional no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, novembro/ 2002.

ANEXO 1 - PRINCIPAIS REFERÊNCIAS E DOCUMENTOS PRIMÁRIOS DE DU BOIS

O objetivo principal dessa sistematização é apresentá-la para o público brasileiro, mas, sobretudo, incentivar e promover a possibilidade de novas agendas e problemas de pesquisas que envolvam o *corpus* teórico e científico de Du Bois, pela multiplicidade e riqueza de temas explorados pelo autor que dialoga com o campo da História, Sociologia, Filosofia, Ciência Política, Antropologia, a Literatura.

TRABALHOS	PUBLICAÇÃO	ANO
“The Suppression of the African Slave-Trade to the United States of America, 1638–1870”	Livro	1896
“The Conservation of Races”	Artigo	1897
“Review of Race Traits and Tendencies of the American Negro by Frederick L. Hoffman”	Resenha	1897
“Strivings of the Negro People”	Artigo	1897
“The Negroes of Farmville, Virginia: A Social Study”	Artigo	1898
“The Study of the Negro Problems”	Artigo	1898
“The Negro in the Black Belt: Some Social Sketches”	Artigo	1899
“The Philadelphia Negro”	Livro	1899
“The American Negro at Paris”	Artigo	1900
“The Black North in 1901: A Social Study”	Ensaio	1901



"The Relation of the Negroes to the Whites in the South"	Ensaio	1901
"The Negro Artisan: Report of a Social Study Made under the Direction of Atlanta University"	Artigo	1902
"The Negro Church: Report of a Social Study Made under the Direction of Atlanta University"	Artigo	1903
"The Souls of Black Folk"	Livro	1903
"The Talented Tenth." In <i>The Negro Problem: A Series of Articles by Representative American Negroes of Today</i>	Artigo/Capítulo de Livro	1903
"The Development of a People"	Ensaio	1904
"Heredity in Public Schools"	Artigo	1904
"Some Notes on Negro Crime Particularly in Georgia. Report of a Social Study Made under the Direction of Atlanta University"	Artigo	1904
"Sociology Hesitant"	Artigo	1905
"The Health and Physique of the Negro American: Report of a Social Study Made under the Direction of Atlanta University"	Artigo	1906
"A Litany of Atlanta"	Poema	1906
"Die Negerfrage in den Vereinigten Staaten."/"/"The Negro Question in the United States"	Ensaio	1906
"Religion in the South." In <i>The Negro in the South: His Economic Progress in Relation to His Moral and Religious Development</i> , by Booker T. Washington and W. E. Burghardt Du Bois	Capítulo de Livro	1907
"The Negro American Family: Report of a Social Study Made Principally by the College Classes of 1909 and 1910 of Atlanta University"	Artigo	1908
"Efforts for Social Betterment among Negro Americans"	Livro	1909
"The Evolution of the Race Problem"	Artigo	1909
"John Brown"	Biografia	1909
"Reconstruction and Its Benefits"	Ensaio	1910
"The College-Bred Negro: Report of a Social Study Made by Atlanta University"	Livro	1910
"The Common School and the Negro American: Report of a Social Study Made by Atlanta University"	Livro	1911
"The Negro American Artisan: Report of a Social Study Made by Atlanta University"	Livro	1912
"The Negro in Literature and Art"	Artigo	1913
"Morals and Manners among Negro Americans: Report of a Social Study Made by Atlanta University"	Livro	1914
"African Roots of War."	Ensaio	1915
"The Negro"	Livro	1915
"Woman Suffrage."	Editorial	1915
"Negro Education."	Artigo	1918
Darkwater: Voices from within the Veil	Livro	1920
"Manifesto of the Second Pan-African Congress"	Manifesto	1921
"The Gift of Black Folk"	Livro	1924
"Black Reconstruction in America, 1860–1880: An Essay toward a History of the Part Which Black Folk Played in the Attempt to Reconstruct Democracy in America"	Livro	1935

“Black Folk Then and Now: An Essay in the History and Sociology of the Negro Race”	Livro	1939
“Dusk of Dawn: An Essay towards an Autobiography of a Race Concept”	Autobiografia	1940
“Social Development of the American Negro”	Resenha	1940
“Prospect of a World without Race Conflict”	Artigo	1944
“Encyclopedia of the Negro: Preparatory Volume with Reference Lists and Reports”	Enciclopédia	1945
“The Autobiography of W. E. B. Du Bois: A Soliloquy on Viewing My Life from the Last Decade of Its First Century”	Autobiografia	1968
“The Correspondence of W. E. B. Du Bois. Vol. 1. Selections, 1877–1934”	Cartas	1877 – 1934
“Du Bois, W. E. B. Papers. Department of Special Collections and University Archives, University of Massachusetts Amherst Libraries”	Documentos gerais	1877- 1963
“Atlanta University Studies of the Negro Problem. Annual Conferences”	Relatório de pesquisas	1897- 1914
“The Correspondence of W. E. B. Du Bois. Vol. 3. Selections, 1944–1963”	Cartas	1944 – 1963

Fonte: MORRIS, Aldon. *The scholar denied: W. E. B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology*. Los Angeles: University of California Press, 2015.

Cronologia da participação de W.E.B Du Bois na Conferência e Congressos Pan-Africanos do século XX.

First Pan-African Conference – realizada em Londres entre 23 e 25 de julho de 1900, foi organizada por Henry Sylvester Williams e contou com a participação de importantes lideranças do continente africano, Caribe, dos EUA e Reino Unido, incluindo Du Bois.

First Pan-African Congress – realizado em Paris entre 19 e 22 de fevereiro de 1919, foi organizado por Du Bois e Ida Gibbs Hunt. O evento foi realizado em forte oposição às decisões e encaminhamentos da Convenção da Paz de 1919, no pós Primeira Guerra, especificamente descritos no documento do Tratado de Versalhes que determinava a perda de territórios coloniais da Alemanha.

Second Pan-African Congress – realizado em várias sessões em Londres, Bruxelas e Paris, entre os dias 28 e 31 de agosto e entre 2 a 6 de setembro de 1921. O evento contou com a participação de Du Bois que reportou, em um editorial do *The Crisis Magazine* de Novembro de 1921, a participação de 26 grupos diferentes de descendência africana, tratava-se de participantes da Nigéria, Serra Leoa, Sudão, Senegal, Madagascar, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Libéria, Congo “Francês”, Congo “Belga”, Haiti, Martinica, Guadalupe, Guiana francesa e inglesa, dentre outros grupos. Um dos encaminhamentos deste congresso foi o estabelecimento de perspectiva crítica em relação à postura pró-colonialista da Liga das Nações.

Third Pan-African Congress – realizado em Londres e Lisboa em 1923, também, tratou da relação do continente africano e das populações de descendência africana ao redor do mundo na perspectiva da relação imperialista do Ocidente com o resto do mundo (*west-rest*). O congresso contou com a participação de inúmeras lideranças da diáspora como Ida Gibbs Hunt, Rayford Logan e Du Bois.

Fourth Pan-African Congress – realizado em Nova York em 1927. Uma das características desse congresso foi o apoio de organizações de mulheres negras dos EUA na realização do evento e a participação de lideranças do Caribe, Europa, Ásia e de África como o Rei Nana Amoah III de Gold Coast que se correspondia por cartas com Du Bois.

Fifth Pan-African Congress – realizado em Manchester, Inglaterra em 1945, contou com a participação de importantes lideranças políticas da diáspora e do continente africano, tais como Hastings Banda, Kwame Nkrumah, Obafemi Awolowo, Jomo Kenyatta, Amy Garvey, George Padmore e Du Bois em idade já avançada, com 77 anos sendo reconhecido dentre essas lideranças como um importante dirigente do Pan-Africanismo.

Fontes: BBC News. “*The Pan-African Vision*”. *The Story of Africa: Between World Wars (1914–1945)*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/worldservice/africa/features/storyofafrica/13chapter5.shtml>
DU BOIS, W. E. B. "Manifesto to The League of Nations", *The Crisis*, Vol. 23, No. 1 (November 1921).

Aceito em: 30/03/2020

Aprovado em: 30/04/2020